

Brasil propõe a credores rolar o principal até 87

REGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — Até o início da noite de ontem o Presidente do Banco Central, Fernão Bracher acompanhado do Diretor da Dívida Externa, Antonio de Pádua Seixas, continuava reunido no 33º andar do Edifício da Citicorp discutindo com os banqueiros do Comitê de Assessoramento da Dívida Externa brasileira a prorrogação das linhas comerciais de créditos interbancários brasileiros no total de US\$ 16 bilhões. Fernão Bracher entrou às 11h da manhã e apresentou a proposta brasileira: rolar o principal da dívida até 1987, prorrogar por um ano os créditos interbancários e linhas comerciais e obter queda na taxa de risco SPREAD de 2.25 pra 1.25 acima da Libor.

A tarde os banqueiros credores começaram a discutir a contraproposta. Segundo uma fonte bancária há muitas divisões entre os bancos.

— Os europeus estão divididos entre os franceses, que querem sair, os ingleses que querem o FMI, e o res-

to. Os americanos estão divididos entre os bancos pequenos regionais que querem o pagamento da Operação 63 na sua totalidade e os grandes bancos americanos, que querem prorrogar por um ano com o mesmo SPREAD. — Disse uma fonte bancária, prevendo decisão hoje.

A mesma fonte perguntada sobre a possibilidade de o Brasil aplicar outra vez a resolução 851 do Banco Central, usada em 1982 pelo então Ministro do Planejamento, Antonio Delfim Netto, de cancelar a remessa de lucros — comentou que "isto significaria nacionalizar os bancos brasileiros"

— É um jogo arriscado. Não acredito que os brasileiros façam isso.

Caso o Brasil consiga uma queda no spread para 1,25 o País economizaria US\$ 800 milhões no pagamento de juros da dívida externa este ano. A última prorrogação foi a maior, de 140 dias, com o então Presidente do Banco Central Antonio Carlos Lembgruber. O consenso e o palpite de alguns banqueiros americanos é que desta vez a prorrogação será por 180 dias.

— Há presso-es e jogo de ambos os

lados, afinal é uma negociação. Os bancos sabem que o Brasil é uma País que cresceu e tem potencial e querem tirar o melhor possível e o Brasil acertadamente usa seu potencial e seus resultados positivos de 1985 contra os bancos — continuou o banqueiro.

Dois Bancos Centrais também estão intervindo na reunião. Um é o Federal Reserve, Banco Central americano. Ontem, o banco resolveu declarar que os bancos americanos têm de aumentar suas reservas contra maus e empréstimos, subentendendo-se que seriam maus os empréstimos a países latino-americanos. Essa decisão coincidiu com o início das negociações com o Brasil. A outra proposta, do Banco Central Alemão, seria boa para o Brasil. Os bancos centrais de todos os países industrializados concordariam em baixar os juros em um dia predeterminado na próxima semana.

Hoje o Citibank divulgará um comunicado sobre as negociações, mas o Presidente do Banco Central, Fernão Bracher, admite que as negociações poderão se estender por mais alguns dias.